

8 - O jovem Paulo Barreto e os simbolistas

Alvaro Santos Simões Junior

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMÕES JUNIOR, AS. O jovem Paulo Barreto e os simbolistas. In: *Estudos de literatura e imprensa* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 133-147. ISBN 978-85-68334-47-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

8

O JOVEM PAULO BARRETO E OS SIMBOLISTAS¹

A *Cidade do Rio* foi criada para ser uma arma de combate em prol da abolição da escravatura. José do Patrocínio,² seu diretor e principal redator, escolheu a data de 28 de setembro de 1887 para o lançamento do primeiro número como homenagem evidente à Lei do Ventre Livre, que naquele dia completava dezesseis anos de vigência. Pouco tempo durou a luta, pois, como se sabe, em 13 de maio de 1888 a princesa Isabel assinou a assim chamada Lei Áurea. Após a realização de seu grande objetivo, Patrocínio provavelmente perdeu o norte. Republicano convicto até 1888, o jornalista passou então a

1 A Benedito Antunes dedica-se a nova publicação deste artigo, já divulgado em 2010 no volume 31 da revista *Itinerários*, de Araraquara.

2 Patrocínio iniciou sua carreira jornalística na *Gazeta de Notícias* em 1877, logo se destacando pela cobertura da terrível seca que afetou o Ceará naquele ano. Em 1881, tornou insustentável a sua permanência no jornal por desagradar aos poderosos comerciantes portugueses ao criticar, em seus artigos, a concentração de propriedades nas mãos de estrangeiros. Após a demissão, recorreu ao sogro, Emiliano Rosa de Sena, para adquirir parte da combalida *Gazeta da Tarde*, cujo diretor, Ferreira de Meneses, morrera naquele ano. Dirigido por Patrocínio até 1887, esse jornal destacou-se pela combatividade, sofrendo, inclusive, frequentes ameaças de empastelamento. Em primeiro de setembro de 1887, o jornalista rompeu com seu sócio, Luís Ferreira de Moura Brito, que não se sentia muito à vontade com o radicalismo e as incertezas financeiras vividas pelo jornal (cf. Magalhães Jr., 1969, p.60-70, 116-24 e 221).

apoiar a Monarquia; entretanto, com o golpe militar de 15 de novembro de 1889 já em andamento, Patrocínio “proclamou a República” na Câmara Municipal do Rio de Janeiro (Magalhães Jr., 1969, p.280-8). Com o advento do regime republicano, passou, segundo as más-línguas, a alugar a sua pena para as causas mais compensadoras.

No final do século XIX, o jornal de José do Patrocínio passava por sérias dificuldades financeiras³ e não podia oferecer salários e condições de trabalho atraentes para jornalistas experimentados.⁴ Assim, proporcionava oportunidades para estreantes como Paulo Barreto,⁵ que posteriormente seria mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. Patrocínio deixou a cargo do novo colaborador a crítica de teatro, literatura e artes plásticas. Em artigo comemorativo do décimo-terceiro aniversário da folha, Barreto qualificou-a de “flâmula do início de individualidades literárias”; segundo ele, na *Cidade do Rio* sempre havia “pelos colunas, pelas mesas, pela casa inteira, a vibração da mocidade corajosa e forte, a juventude eterna” (Barreto, 1900 [3 ago. 1899], p.2).

Parte de uma ampla pesquisa sobre a repercussão do Simbolismo nos jornais diários cariocas, este ensaio procura revelar como as obras simbolistas e seus autores foram recebidos pelo jovem colaborador do jornal de Patrocínio.

Paulo Barreto utilizou pela primeira vez o pseudônimo Claude na *Cidade do Rio* em 3 de agosto de 1899, dois dias antes de comple-

3 Uma nota publicada na *Cidade do Rio* em 6 de setembro de 1901 tratava abertamente da crise por que passava o jornal, com perdas de redatores e com dificuldades de manter em funcionamento as oficinas. Nesse momento difícil, o sólido *Jornal de Comércio* colocou generosamente à disposição da *Cidade do Rio* os funcionários de seu setor gráfico e o seu estoque de papel.

4 Sob o comando de Demerval da Fonseca, integravam a redação Batista Coelho, Paulo Barreto, Victor Viana, Paes de Figueiredo, A. Pinheiro, Gabriel Pinheiro, Cordoville, Raul Xavier e Caldeira Filho (cf. *Cidade do Rio*, 1900, p.3).

5 As primícias de Paulo Barreto seriam colhidas pelo jornal *A Tribuna*, dirigido por Alcindo Guanabara. Renato Cordeiro Gomes afirma que a colaboração de Paulo Barreto na *Cidade do Rio* encerrou-se em outubro de 1900. No entanto, ainda o escritor viria a publicar textos no jornal de Patrocínio em 10 e 11 de setembro de 1901 (cf. Gomes, 2005, p.45).

tar dezoito anos, para assinar uma resenha de *Terra dolorosa*, livro de contos de Oliveira Gomes (Claude, 3 ago. 1899, p.1). Como Émile Zola adotara o mesmo pseudônimo em sua coluna no jornal *L'Événement*, na qual defendera os pintores impressionistas em 1866, a utilização de Claude por Paulo Barreto representava provavelmente uma reverência ao aclamado autor francês.

Claude iniciou seu texto reconhecendo que o autor, identificado como um dos líderes simbolistas, “editou o seu livro preciosamente com uma capa lembrando missais”, mas logo afirmou que o artifício não passava de “uma imitação das edições do Mercúrio de França, fonte centralizadora da decadência espiritual latina”. Ao tratar do estilo do autor, o crítico não foi menos impiedoso: “São quase nevroses aquelas frases cheias de reticências com uma porção de palavras começando por letras maiúsculas”. *Terra dolorosa* discreparia, segundo o crítico, da positividade científica do século XIX:

Quando, em plena Europa no começo deste século, a cruzada de uma arte forte, que fosse a vida, propagou-se por uma dezena de grandes homens, quando o experimentalismo surge com Claude Bernard e Chevreul fundando um método novo da positividade; quando Comte fez uma enciclopédia tremenda de saber, reformando toda a matemática, fundando a lei dos três estados, e Darwin, um desdobramento de Lyell e Lamarck, demonstra o evolucionismo e a seleção; os cérebros impotentes para pensar, atacados de uma degeneração mental, trazem à publicidade pedaços esparsos da sua pobreza cerebral, trapos dolorosos da decadência de uma raça, revivendo a sensualidade mórbida de Salomão, a decrepitude romântica. (ibidem)

Claude encerrou o seu texto com ironia feroz, negando a existência de qualquer valor intrínseco no livro:

... como um exemplo frisante da incapacidade avassaladora, como um caso especial da nevrose geral que ataca sempre os de pouca

positividade científica ou os obcecados, guarda-se o livro. Como novidade de escola, personalidade artística nova dando um gérmen mais de vida a essa ressurreição, é banalíssimo, terrivelmente banal. (ibidem)

Na *Cidade do Rio*, o crítico Paulo Barreto ainda examinou livros de românticos retardatários e de parnasianos, mas na resenha dos *Cantos*, de J. H. de Freitas, publicada em 4 de setembro de 1899, revelou que seu ideal de poesia ainda não se realizara, apesar do brilho fugaz dos primeiros parnasianos:

O Parnasianismo, única forma de verso aceitável, desde que ainda não houve poeta capaz de nos dar o verdadeiro naturalismo, ora pecando pela exageração com Richepin, ora pela timidez com Coppée; nunca ficam perfeitamente estabelecidos aqui, estiolando-se naqueles mesmos que a aclimaram – a arte teve um momento de elegância do verso, de qualquer cousa de fino, rápido e brusco, como um fogo de vistas: a aclimação dos delírios de Catulle Mendes e Banville, sendo a geração de 1880 a única que se pode orgulhar disso. (idem, 4 set. 1899, p.2)

Munido desses conceitos, Paulo Barreto dedicou ao Simbolismo em 3 de outubro de 1899 todo um artigo, que assinou com seu próprio nome. Logo no início lamentou que, no século da ciência e da filosofia positivista, a humanidade se inclinasse “com todo o peso das convicções tradicionais e hereditárias para o ocultismo da credence e o simbolismo artístico, grito da ignorância ou da degeneração”. Da sua perspectiva, o contexto era desastroso:

... a divagação simbólica e desencontrada assoberba todo o mundo vagarosa como um pântano formado pelas chuvas hibernais, pantanoso como o leito dos rios em vazante, triste de uma aguda tristeza agonizante [sic] no relincho de uma espécie retrogradando ou de todo um mundo nas convulsões epiléticas da loucura. (Barreto, 1899, p.2)

O crítico considerava os novos rumos da arte um verdadeiro retrocesso:

Os métodos científicos vão por terra, todo o trabalho de gerações para a obra da verdade, que começa no XVI século, termina aqui bruscamente diante da vara de um mágico ou da gritaria cavernosa do simbolismo; a grande teoria d'arte, que já surgira em Homero, desaparece depois de uma evolução milenária [sic] para a forma final da perfeição. (ibidem)

Paulo Barreto não dirigiu suas farpas exclusivamente aos simbolistas brasileiros; muito pelo contrário, quis pronunciar-se sobre o Simbolismo *universal*. Assim, atacou os costumes e a *toilette* dos franceses que se embebedavam nos cafés parisienses:

...fizeram uso das vestimentas originais, andaram mentecaptamente de barba assíria como o Sr. Peladan, fizeram sucessos de reclame [sic] como os vendedores de extratos maus, à custa de chapéus de seda cor de rosa, à custa de casacos velhos como o delicioso e dipsômano Verlaine, que chegou a instituir a moda de fatos verdes, tal era a sua porcaria e a cor transformada das suas vestes. (ibidem)

O crítico insinuou que a extravagância teve o condão de conquistar a “massa” e formar “uma chusma enorme de discípulos ignorantes ou desequilibrados”. Suas palavras revelavam até mesmo certa prevenção moralista contra os usos e costumes dos novos artistas:

O burguês comprava o livro de um senhor qualquer original no modo de vestir, ou cheio de vícios contra a natureza. Enquanto um inimigo ao lado, vestido como toda a gente, desmascarava-o, cortando o tumor do vício tranquilo e calmo como um médico, os outros que surgiam usavam cousas esquisitas, embebedavam-se, andavam sujos e cantavam numa apoteose nevrótica, de palavras

azuis e brancas, todos os vícios proibidos e todas as degenerações. (ibidem)⁶

Depois de tratar rapidamente da difusão do Simbolismo pela Europa, o crítico da *Cidade do Rio* considerou – com uma sintaxe impossível, diga-se de passagem – a repercussão do movimento entre os brasileiros:

O Brasil, que já passou pela crise Hugoana, da qual ainda temos exemplos, perdurou, na forma parnasiana, do verso da geração de 80, e que incapaz foi de dar uma verdadeira impressão do experimentalismo artístico, assimilou pelas condições de degenerência [sic] mental e rudimentar instrução característica, essa escola má e imperfeita sob o apupo alvar da população que via mais uns palhaços a diverti-los denominados pela estupidez trágica do burguês genericamente de nefelibatas. (Barreto, 1899, p.2)

Paulo Barreto encerrou o seu artigo declarando-se impressionado com os “vinte anos de poder” dos simbolistas e confessando: “Dá vontade de desfechar em gargalhadas convulsas, ou de desatar em pranto, chorando a humanidade e chorando a verdade”. Deve-se observar, no entanto, que o crítico se referia aos franceses, pois o Simbolismo brasileiro ainda não contava dez anos. Para o crítico, os simbolistas vinham “da prostituição mental, da bandalheira gritada alto nas avenidas públicas, do vício afixado nas esquinas, da imoralidade proclamada no altar pseudocasto de uma ignomínia clandestina” (ibidem). Nota-se que o jovem Paulo Barreto, perfeitamente doutrinado pelo Positivismo e munido de concepções cientificistas, não compreendia a força renovadora do Simbolismo, consideran-

6 Paulo Barreto referiu-se a Oscar Wilde como “o louco moral por excelência, invertido vulgar, desequilibrado completo que chamou a atenção do inglês comilão e parvo pelos passeios escandalosos em Pall-Mall-Frant”. João do Rio, como se sabe, teria motivos para identificar-se com o autor a quem dirigia essas palavras tão duras.

do-o, ao contrário, manifestação retrógrada de tendências obscurantistas, responsáveis pela decadência da civilização ocidental. A arte simbolista seria, de seu ponto de vista, resultado da conjunção de farisaísmo e impostura.

Claude não se restringiu à apreciação crítica de obras simbolistas; a celebração do segundo aniversário da morte de Cruz e Sousa deu-lhe oportunidade de ridicularizar os próprios simbolistas remanescentes, que cultivavam com carinho a memória do Dante Negro.

Em 19 de março de 1900, a *Cidade do Rio* anunciava para a noite dois eventos em homenagem a Cruz e Sousa. No Liceu de Artes e Ofícios, haveria “festival” organizado por Francisco Bittencourt Félix, Rafael Pinheiro Colatino Barroso e Batista Coelho. Discursariam Cunha e Costa, secretário do jornal *A Imprensa*, o poeta Félix Pacheco, Carlos D. Fernandes, redator de *A Imprensa*, a escritora e jornalista espanhola Eva Canel, Félix Bocaiúva e o escritor Colatino Barroso. Na Associação Cristã de Moços, a celebração ocorreria por conta da revista literária *A Vida*; nela discursariam Nestor Vitor, Gustavo Santiago, Deodato Maia, Neto Machado, V. Coaracy e Oliveira Gomes. Castro Meneses, Holanda Cunha e Norberto Guerra declamariam poemas em homenagem ao poeta morto.

No dia seguinte, o jornal noticiava a realização dos eventos de forma breve e insípida. No entanto, em 23 de março iniciava-se a publicação em três partes de um relato pormenorizado da primeira cerimônia feito por Claude, que fora ao Liceu em companhia de seu amigo André, correspondente de um jornal de São Paulo. Com isso, a *Cidade do Rio* acolhia a primeira reportagem de Paulo Barreto, que cultivaria o gênero com brilho por anos a fio. Algumas de suas melhores produções podem ser apreciadas, por exemplo, no livro *A alma encantadora das ruas* (1908). Em setembro e outubro de 1900, Claude ainda publicaria reportagens sobre exposição de artes plásticas da Escola Nacional de Belas Artes. Nessa oportunidade, André, esse interlocutor privilegiado de Claude, seria um dos alunos da instituição. As reportagens saíam publicadas sob a epígrafe “O salão de 1900”, mas o subtítulo do segundo texto já deixava

clara a apreciação do crítico: “A mediocridade expositora” (Claude, 13 set. 1900, p.2).

Logo no início de sua reportagem, Claude declarava haver encontrado, quando estava a caminho, na companhia de André, com um “literato” que garantia não se realizar a cerimônia do Liceu e tentava conduzi-los à Associação Cristã de Moços. Claude logo concluiu tratar-se de um pérfido estratagema para “roubar público” do Liceu. Real ou inventado, o episódio servia para tornar evidente a divisão (e a confusão) existente nos arraiais simbolistas, pois os grupos de admiradores do Dante Negro não conseguiam unir-se nem mesmo para celebrar a memória do grande ídolo comum.

Já no salão do Liceu, os dois amigos, Claude e André, observaram meticulosamente os participantes do evento. Cunha e Costa foi descrito como um “moço com muito óleo no cabelo, de andar grave, pausado”. Félix Pacheco apresentava uma “face biliosa” e, em uma homenagem póstuma, “parecia acabado de alegria”. Colatino Barroso era um “mocinho loiro e vermelho”, “chefe da escola simbolista”, que manifestava singular “vontade de subir... de aparecer”. Saturnino Meireles apresentava-se como “um senhor moreno, extremamente alto, de casaca, magro, de luvas pretas” (idem, 23 mar. 1900, p.2).

Um tanto surpreso, Claude viu André receber de um “senhor gordo” um abraço que foi “convulsivo, extremo, como aqueles dados nas ocasiões solenes da vida, em um dia de aniversário ou na missa de sétimo dia de parente chegado”. Logo o correspondente da folha paulista esclareceu tratar-se de “um literato do Paraná, de Curitiba”: era Emiliano Perneta. André também informou que, no sul, a arte simbolista aumentava: “Quantas revistas, meu amigo, quanto jornal, que veneração pelo mestre!” (ibidem).

Após a irônica caracterização dos presentes, Claude empenhou-se em descrever o salão, que estava “ornado de lírios de fazenda branca aos cantos, e de longos festões de flores artificiais ao teto” e dividia-se em três partes. No fundo, junto a um retrato de Cruz e Sousa pintado por Maurício Jubim, postaram-se a comissão organizadora e os oradores em companhia das senhoras presentes.

Logo depois, em nível mais baixo, reuniram-se os representantes da imprensa e, por fim, posicionou-se a “massa seleta”, segundo a expressão de André.

Com o salão já repleto, começaram a surgir manifestações de impaciência com a ausência de Eva Canel. Mas então se apresentou o mestre de cerimônias “de casaca, com a barba muito bem tratada”, e portando, note-se bem, um leque. Cunha e Costa era, segundo André, um “talento”. No entanto, logo na apresentação dos oradores cometeu uma gafe, justificando a ausência de Félix Pacheco, que estava presente. Quem não havia comparecido fora Félix Bocaiúva. Tratava-se de uma distração desculpável, mas Claude não deixou de registrá-la, provavelmente com o objetivo de destacar uma presuntiva irrelevância ou obscuridade dos convidados.

Primeiro a discursar, Pacheco postou-se na tribuna, que seria, segundo o repórter, “novo púlpito onde pregaria a religião do poeta morto a uma plateia estática”. Do alto, o orador “olhou a massa, abotoou-se, desamarrou um rolo de papel, um grosso rolo por sinal; consultou as lentes, e o silêncio caía de chofre na sociedade seleta do Sr. André” (idem).

Quando o discurso mal começava, veio da plateia uma súbita exclamação: “Está aí a Eva Canel”. O orador não pôde prosseguir, pois explodiu uma salva de palmas e a comissão organizadora dirigiu-se toda inteira à porta do salão. Pacheco somente pôde retomar o seu discurso quando a escritora já estava acomodada em sua cadeira.⁷ Note-se que Claude fez do episódio uma cena de comédia e ridicularizou a frustração do orador intempestivamente interrompido.⁸

7 O fim do tumulto deu a Claude ocasião para referir-se a uma frase célebre: “... tudo passa neste mundo, já o disse esse profundo J. de Alencar, talento perpetuado em bronze pelo nosso jornalismo defronte de um hotel, e muito lido no norte” (ibidem). Note-se por esse fragmento a irreverência e a petulância do jovem Paulo Barreto, que não poupava nem mesmo autores consagrados.

8 Até aqui as citações referem-se à primeira parte do artigo, publicada no dia 23 de março de 1900.

Segundo o cronista da *Cidade do Rio*, Félix Pacheco discursou com voz esganiçada e, ao final, rouca; sempre que utilizou o francês e o inglês não foi entendido. Sua intervenção haveria denunciado seu “pedantismo de conselheiro querendo passar por um homem tão erudito que só fala condicionalmente”. Para expor a pretensiosa parcialidade do orador, Claude transcreveu-lhe as seguintes palavras: “Cruz e Sousa [...] fez mais pela língua portuguesa que todos os passados, Garret, Herculano, Camões e por aí abaixo”. Por fim, Pacheco haveria chamado Zola de “poeta das mulheres estéreis”, o que André considerou flagrante desinformação, pois o romancista francês haveria escrito “mil páginas exigindo a fecundidade, cantando-a” (Claude, 24 mar. 1900, p.2). Como se sabe, o jornalista referia-se a *Fécondité*, de 1899, um dos *Quatre Évangiles*.⁹

O resumo que Claude apresentou do primeiro discurso poderia parecer elogioso, mas era, como se pode facilmente notar, de uma ironia mordaz:

Entretanto Félix Pacheco esteve esplêndido, verboso, solene, falou nos [sic] mártires da poesia, dos poetas pobres; não citou o clássico português Camões, mas falou de Varela, desse mártir, de Casimiro de Abreu, e acabou recitando pessimamente a conhecida prece de Baudelaire, curvado religiosamente diante do retrato do falecido comemorado; uma prolongada salva de palmas, vibrante, longa, infinita, rasgou de um jato o ar estático, exigiu de novo a sua presença no púlpito, e tudo aquilo tinha qualquer coisa de um bando de peregrinas a louvar do santo milagroso, que o salvou da chaga e da impureza. (idem, 26 de março de 1900, p.3)¹⁰

Segundo André, o orador seguinte teria muito talento e seria talvez “mais revolucionário, mais gritador”. Quando Carlos Dias Fernandes, com casaca e “o cabelo liso, grande, caindo às vezes

9 Neste parágrafo resume-se a parte publicada em 24 de março de 1900.

10 Esta, assim como as próximas citações, refere-se à terceira e última parte do relato de Claude, publicada em 26 de março de 1900.

para o rosto”, apresentou-se, Claude observou que o público não o recebeu com as mesmas demonstrações de simpatia dirigidas a Pacheco. Muito provavelmente, nem mesmo o cronista dedicou-lhe muita atenção, pois resumiu sua intervenção em apenas um parágrafo, que satirizava os trejeitos e gestos amaneirados do orador:

...o Sr. Dias Fernandes dizia uns versos laudatórios nada extraordinários, comuns mesmo na voz noturna dos simbolistas de aquém e de além mar, e parecia falar para dentro de um túmulo, com a voz angustiada, levando mecanicamente a mão aos lábios, fechados os dedos em forma de flor, para abri-los no ar, fantasticamente. E em seu modo, modo da escola que é um doido sucesso em Portugal e Paris, dando riso à gente, fez com que muitos dos seus versos se perdessem. Poucos aplausos teve. (ibidem)

Enquanto Eva Canel, terceira oradora e grande sensação da noite, dirigia-se ao púlpito sob entusiásticas aclamações, André recebia de um recém-chegado – “um mocinho implicante, de lentes escuras” –, uma síntese da cerimônia concorrente de Nestor Vítor: “Brigaram com o Teófilo,¹¹ já acabou, não falaram para vinte pessoas. Foi um desastre” (ibidem). Observe-se que, embora impedido de comparecer ao segundo evento em homenagem à memória de Cruz e Sousa, Claude não deixou de registrar, de forma um tanto leviana, o seu suposto fracasso em sua reportagem.

Canel iniciou seu discurso desculpando-se com a comissão por não se dispor a elogiar, mas sim a dizer a verdade sobre Cruz e Sousa, a quem, aliás, declarava não conhecer muito bem. Considerando-se fidedigno o relato de Claude, a escritora causou provavelmente muito constrangimento com inoportunas considerações etnológicas. Leia-se, por exemplo, o seguinte trecho:

...julgando-se a filha aspérrima da serrania, única prosaica em meio aos líricos senhores, que cuidaram de sonho, e de arte de palavras,

11 Provável referência a Rodolfo Teófilo.

traçou com uma fina intuição psicológica o retrato do poeta falecido; fê-lo numa frase memorável, tal o relevo e a retórica empregada: um idiota, abrindo para os que o seguissem o manicômio da literatura pátria; insistiu dolorosamente, brutalmente da condição de raça inferior do autor dos *Broquéis*, insistiu mais e mais, fez quase o seu tema nesse negror do poeta: foi lógica, bem lógica e no meio daqueles senhores, homens feitos que viviam do sonho e faziam versos, glorificando um outro de quem se não guarda uma frase, porque pelas más condições etimológicas não passou de palavras, em triunfal, amesquinhou a casaca, e dizia de frente num culto de morte, era o que sentia irreverente brutal. (ibidem)¹²

O final do discurso de Eva Canel instalou a confusão no recinto, pois, julgando que Félix Pacheco e Dias Fernandes haviam sido meros “aperitivos”, o público “arrastava cadeiras, galopava pelos corredores para espairer, trocando opiniões, ou recolher a penas” (ibidem).

Como a cerimônia ainda não havia acabado, os organizadores procuravam recolocar ordem no ambiente para que o orador seguinte pudesse ser ouvido. Nesse ínterim, Claude e André foram fumar no corredor, junto à janela, mas sempre atentos à cerimônia. Subira à tribuna um “mocinho loiro, loiro e vermelho”: era Colatino Barroso. Claude assim resumiu sua participação:

O poeta, arregalando os olhos como enraivado, fazia soar uma porção de sons que, concatenados, embalaram, tal [sic] os motivos variados, pelos compositores. Como a sua voz era muito aberta, as palavras saíam bem pronunciadas, claras como notas de clarim, mas no fundo de todo aquele emaranhamento de vocábulos, muitos dos quais extemporâneos, impossível era descobrir o que queria o orador, o que sentia o poeta, – ou o que sofria, como se diz em

12 Não se sabe se a estranha sintaxe deve ser atribuída a Paulo Barreto ou aos compositores e revisores da *Cidade do Rio*, que não eram impecáveis.

linguagem poético-simbólica, – qual era o fim de toda aquela trapalhada. Bem se supunha às vezes que Colatino chorava a cor preta do falecido Sousa, tão branco por dentro... (ibidem)

Entre cigarros e comentários maldosos com os amigos, Claude ouviu muito distraído as palavras do orador, sendo atraído por elas somente quando Barroso se exaltava dizendo versos retumbantes como estes: “Canhões cuspidos luz! / Pureza luminosa das alturas” (ibidem).

Quando o orador se calou, “o público, farto de discurso, com a incivilidade que o caracteriza, atirou-se à saída”. As pessoas que ainda estavam pacientemente à espera protestaram e Carlos Dias Fernandes procurou chamar de volta os que haviam saído. A plateia, que até então ouvira pacientemente, tornou-se ruidosa, o que foi agravado pelo fato de que o mestre de cerimônias, um tanto incompreensivelmente, passou a falar muito baixo. Ao referir-se amavelmente aos oradores que se haviam apresentado, Cunha e Costa chamou Fernandes de “garrafa de Leide”, o que o público entendeu por “garrafa de leite”. Daí em diante, a troça e a hilaridade tomaram conta da plateia. Mas convém ressaltar: isso haveria ocorrido sempre segundo o relato de Claude, que assim narrou o fim da cerimônia:

Bruscamente Cunha e Costa, entretanto, parou. A turba galopava pelo corredor, despregava pela escada abaixo, terminava uma comemoração a um morto, grotescamente, às gargalhadas, abandonava o culto, numa exibição caricata de pretensiosos desejos de subir; de poetas indiferentes, de estrangeiros ignorantes da nossa arte de terra nova, a julgar, a decidir de individualidades de literários vazios a vomitar frases, sem que lhe dessem importância, de um homem gentil e moderno, prestando-se por pedido ao cargo de presidente para a galhofa e a risota de um povaréu simbolista! E era aquilo a comemoração ao pobre Cruz e Sousa, um senhor que dizia as suas tolices incompreensivelmente e em frases estranhas! Era aquilo! (ibidem)

Ao deixar o salão, Claude encontrou-se com André, que ouvia Colatino Barroso. O poeta, muito compungido, lamentava a hilaridade da plateia e fazia reparos ao evento, dizendo que “fora exagerada a comissão, fora exagerada a Eva, fora exagerado o Cunha e Costa, e não havia ninguém que se não tivesse exagerado, exceção feita dele” (ibidem).

Claude haveria recebido tais palavras com uma incontável crise de riso; recriminado por André, assim procurou justificar-se:

– Deixe, meu caro André. Não há nada como o riso. Os Goncourt resumiam tudo com duas palavras. Sublime e estúpido; quando a coisa não é sublime, é, necessariamente, estúpida e não há nada que faça rir como a estupidez alheia. Deixa-me rir. Eu rio do Liceu, da comissão, daqueles senhores, da Eva, do escândalo, do Dr. Cunha e Costa, do Sr. Colatino, do público, do pobre coitado do Cruz e Sousa, que está servindo para isso depois de morto... (ibidem)

Não poderia encontrar outro desfecho a reportagem de Paulo Barreto, pois provocar o riso pelo tratamento escarnekedor dedicada à cerimônia fora, desde o início, o seu objetivo. As “gargalhadas convulsas” que ele refreara no artigo sobre o Simbolismo finalmente explodiram com toda força. Escrita com recursos próprios da narrativa literária como a caracterização satírica do espaço e das personagens, a alternância calculada entre cenas e sumários, o emprego do discurso direto para expor as personagens ao ridículo com frases deslocadas do contexto original, a técnica de desprezar os méritos e tornar hiperbólicos os defeitos dos oradores, a criação do interlocutor André, que conhecia o Simbolismo e os simbolistas e dava ao repórter a oportunidade de ostentar uma orgulhosa ignorância a esse respeito, a reportagem de Paulo Barreto não pode ser tomada como expressão da *verdade*, como pretendia o jovem jornalista, mas deve ser compreendida como um texto rigorosamente planejado para alcançar determinados objetivos.

Embora talvez houvesse inicialmente, da parte da *Cidade do Rio*, o objetivo de desprestigiar um evento de que participavam

com destaque Cunha e Costa e Carlos D. Fernandes, redatores do jornal *A Imprensa*, dirigido por Rui Barbosa, velho desafeto de José do Patrocínio, essa reportagem bastante parcial e mal-intencionada dá bem a medida da verdadeira campanha de descrédito que se dirigiu ao Simbolismo e seus seguidores no Brasil. Há nos periódicos do final do século XIX vários artigos e sátiras extremamente agressivos ou irônicos contra Cruz e Sousa e outros simbolistas.

Esse longo texto iluminava retrospectivamente as críticas literárias de Claude ou Paulo Barreto, pois com a sua leitura conclui-se que as resenhas e o artigo sobre o Simbolismo, aqui comentados, não foram escritos por um observador objetivo, sereno e imparcial, mas por um fervoroso defensor do cientificismo positivista e das lamentáveis concepções etnológicas daquele tempo e apaixonado adversário das doutrinas e obras simbolistas, recusadas por ele sem exame pormenorizado e paciente.